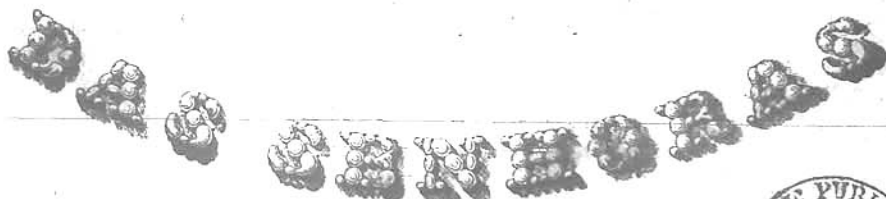


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.



∞ O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina. ∞

UMA DESGULPA.

Não surprenderá por certo ás nossas Assignantes, que o nosso n. 50 do *Jornal das Senhoras* chegue hoje ás suas delicadas mãos tristemente, só e sem a sua constante companhia, que tanto agrada, dos nossos figurinos do bom-tom.

Haveria algum desarranjo!

Quebraria a empreza!

Faltariao os correspondentes de Pariz! oh! se assim é.... está tudo perdido!...

Soceguem, minhas queridas senhoras; nada disto graças a Deus aconteceu. Tudo marcha felizmente debaixo das melhores disposições: a Estrella de nossos dias nos é benigna; nós nos curvamos agradecidas.

Pois então o que será?

Vou já satisfazer-vos. A simples razão, que deu logar a este incidente, nada mais é que a nossa firme resolução de vos darmos sempre figurinos modernos, sempre estampas novas, e sempre d'aquellas mesmas que tambem chegam dentro dos jornaes francezes para serem distribuidas a muitas de vós aqui na côrte.

Como porém estas estampas só nos chegam mensalmente, nem por outra forma podia rea-

lisar-se o nosso proposito, e nos chegam pelos paquetes inglêzes, desta feita o vapor *Tay* ancorou a boa hora para muitos, e infelizmente tarde para nós, porque não pôde effectuar a sua descarga tão a tempo, que podessemos haver os nossos figurinos para serem distribuidos. E pois ficamos logradas desta vez.

Outro tanto não nos acontecerá para Domingo que vem; nossos figurinos e jornaes francezes já estarão em nosso poder, e nesse dia teremos a satisfação de vos offerecer duas estampas, sobre as quaes podereis afirmar a quem quer que seja—que são os figurinos mais modernos que é possível chegar ao Rio de Janeiro.

Por uma tal forma esperamos preencher a involuntaria falta commettida hoje, e pagaremos contentes a nossa divida a um credor tão cheio de bondade, como sois vós todas, a quem nos confessaremos sempre agradecidas.

A redactora em chefe

D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Yellasco.

pela curiosidade, porém a maior parte, por bem diversos sentimentos.

Ali o bom pai, com o coração traspassado de pezar, dava o ultimo abraço á sua desventurada filha. Aqui tambem via o amante favorecido dissipar-se todas as suas brilhantes esperanças, e voltava para os seus lares na mais acc. ba desesperação. Além dos muitos que estavam pessoalmente interessados nesta penosa scena, outros havião que, por não sentirem os tormentos de pai ou de amante, manifestavão o mais profundo pezar por uma cerimonia tão vergonhosa para sua patria.

Uma partida de vinte guerreiros mouros rodeavão o tablado aonde se devia decidir da sorte de tantas familias, e quarenta soldados hespanhoes estavam encarregados de manter a ordem entre os espectadores. As donzellas arrancadas dos braços dos seus desconsolados parentes e debulhadas em lagrimas forão conduzidas á cima do tablado.

Entre o grande numero de espectadores havia um joven cujo rosto estava mais profundamente alterado do que todos os outros. Seus negros e animados olhos seguião todos os movimentos de uma das donzellas, que ia tirar a sorte para uma vida de escravidão e de deshonra. Chegou finalmente o momento em que a sua querida devia saber seu futuro destino.

Apresentou-se a tímida donzella, encostada á uma velha, que em vão se esforçava em consolar a quem nada causava impressão, porque sua alma estava toda occupada na presente calamidade. As rosas de suas faces tinham murchado e uma triste pallidez tomava o lugar onde ellas brilhavão no dia antecedente. O fogo de seus olhos não ardia tão vivamente, porque um rio de lagrimas o apagava. O excesso do terror e o desgosto paralysavão todos os seus movimentos e davão-lhe a apparencia de uma bella estatua, até que chegou o momento, em que foi quasi arrastada para tirar da fatal urna a sentença da sua futura e irremediavel miseria.

O seu amante ent etanto tremia convulsivamente, e em lugar da pallidez produzida por uma temerosa incerteza, o fogo da indignação animava agora seu rosto. Todos os seus pensamentos estavam reconcentrados em um unico objecto. Sua alma parecia pendurada em um cabello; todas as suas feições, todos os seus membros participavão da cruel agonia daquelle momento. Anciamente obse rava aquella que estava destinada para ser sua esposa, com tanto que a sorte lhe não fosse contraria.

A sua querida Orelia com mãos tremulas tirou o decreto da sua infelicidade, e deu um grito agudo e penetrante. Os nervos do seu desafortunado amante violeutados, por uma tensão tão pouco natural, afrouxáráo, e pareceu repentinamente ficar mais tranquillo. O grito da sua amada Orelia foi como o dobre do sino da morte que annunciava o exterminio de toda a sua felicidade. Já nada tinha que temer; qualquer coisa que acontecesse havia de ser um mal infinitamente menor que este: e seguro no abandono da desesperação, experimentava aquella especie de melancolica alegria e feroz satisfação, que são al-

gumas vezes os companheiros da suprema desgraça.

Pouco a pouco se foi aproximando do tablado, com uma calma que admirava a todos quantos sabião o segredo do seu amor. Por e te tempo a sorte das donzellas já estava decidida. Os gritos e os lamentos enchão o ar, e as maldições dos pais desesperados se confundião com os gemidos e o pranto de seus filhos. O murmúrio dos indignados ia degenerando em confusão; symptomas de opposição e revolta se manifestavão na multidão reunida: era uma mina que para a sua explosão não precisava mais que uma faísca. Os funcionarios encarregados da degradante tarefa d'aquelle dia começavão a inquietar-se, e a olharem em redor de si com signaes de receio e ansiedade.

O momento antes de estalar a tormenta popular, é terrivel. A massa dos christãos cada vez se condensava mais; e se estavam socegados, era porque lhes faltava um que desse o impulso á explosão do seu furia.

O chefe mouro começou asperamente a querer separar as victimas dos amigos e parentes a quem abraçavão por despedida.

—Aonde estás tu, ó Ansures, aonde estás tu n'este momento de terror? exclamou uma das infelizes formosuras. Vem, oh! livra-me destes malvados.

O seu doloroso grito foi ouvido; porém que podia fazer então seu desgraçado amante!

— Aqui e-tou, ó meu anjo, exclamou o joven Ansures, que estava proximo ao lugar; sim, aqui estou, minha querida Orelia, disposto a morrer, mil vezes, que consentir que te levem esses barbaros.

Dizendo estas palayras, desembainhou uma espada curta que levava aculta, e atacou cheio de furia ao mouro que trabalhava para separar Orelia dos seus parentes. O mouro deu dois passos e cahiu afogado no seu proprio sangue.

Este foi o signal para levantar-se o povo,

Um grito tumultuoso rasgou os ares, e a turba-multa, posto que desarmada, correu impetuosamente a resgatar as donzellas, auxiliando nesta nobre tarefa ao joven Ansures, o qual via-se então muito apertado pelos seus inimigos que á porfia pugnavão em lhe tirar a vida.

Os seus amigos, não obstante serem numerosos, apenas podião resistir aos mouros, que estavam a cavallo e completamente armados.

O conflicto continuou, sem embargo, com igual força e rancor, por ambos os lados. As autoridades christãs e os soldados que estavam ás suas ordens, por maneira alguma quizerão interferir n'uma lucta para a qual não estavam autorizados pelo rei, e a unica cousa que desejavão era poderem-se retirar sãos e salvos d'aquelle campo de batalha, no qual dois ou tres mouros e dobrado numero de christãos, vião-se já revolviendo no seu proprio saugue.

Para este tempo tinha Ansures conseguido ver-se livre de seus adversarios; porém na confusão perdêra a sua espada. Este incidente não foi porém bastante para afrouxar o seu valor, nem refrear a sua impetuosidade. Um dos mouros vendo-o desarmado, e reconhecendo nelle

o autor de todo o tumulto correu para o atacar; mas Ansuers, cuja agilidade só era inferior á força do seu braço e á resolução do seu coração, se dirigiu rapidamente á uma figueira proxima d'aquelle sitio, e despedaçando logo um grosso ramo, se preparou para renovar o combate.

O numero dos combatentes augmentava a cada momento, e no meio da confusão a maior parte das donzellas conseguiram escapar-se.

Quando o rei chegou a saber a causa da desordem, mandou que se restabelecesse a paz, e que os officiaes mouros fossem postos fóra do seu reino, sem poderem levar o vergonhoso tributo pago pelos seus antepassados.

Indignado o Califa de Cordova do tratamento feito aos seus commissarijs, e de que se negavão a pagar o tributo das cem donzellas, poz o seu exercito em campanha, superior ao que podia reunir D. Ramiro.

Foi nesta occasião que se deu a famosa batalha de Alveida ou Clavijo, que durou dois dias, e na qual se distinguia D. Ramiro e tambem o joven Ansuers.

Sabedor o rei dos serviços que este mancebo tivera feito, e do modo admiravel porque se houvera para resgatar dos inimigos sua querida Orelia, o armou cavalleiro, e concedeu-lhe que no seu escudo podesse pôr cinco folhas de figueira, emblema que tambem poderia usar em seu elmo.

Desde aquella época Ansuers tomou o nome de *Figueiredo*, em recordação d'aquella arvore que tanto lhe serviu no momento mais critico da sua vida.

DA VINGANÇA.

Toda a vingança particular e privada é usurpação do poder e da justiça publica. Despresão nobres animos as injurias de sujeitos vulgares. Não lez Achilles caso das calumnias de Thersites; Philippe de Macedonia, e Cezar foram insensiveis aos tiros da maledicencia. Zombou a aguia de Esopo da peça que lhe fez o rato; pareceu-lhe indigno da sua ira bicho noventa. O vingar-se não é restaurar o credito, é confirmar-se de-acreditado. Com feridas alheias não se curão as proprias; com sangue não se esmaltão injurias. Enfurecer-se aos desacatos de um furioso, é fazer-se espelho da sua furia; rebater calumnias é fazer-se echo de agravos. Se a cada bateria de ondas respondêra o penhasco com uma pedra, brevemente se destruiria o penhasco. Anhelar vinganças é ter aberta e fresca uma ferida, que olvidada se cicatrizaria. Injurias leubradas, perpetuão-se, porque se fazem hereditarias; não as consome o tempo, e enterradas renascem, semelhantes aos rios, que depois de correr debaixo da terra, tornão a inundar os campos.

Os que com mostras de amizade disfarção o desejo de se vingar, são como a nuvem que viu Ezequiel: era ella cercada de um circulo de ouro, mas trazia dentro em si raios e tormentos.

A mais nobre vingança é mostrar o offendido

que se pode vingar do offensor; o não vingar-se é mostrar que não sentio a offensa, e não sentil-a é prova de animo invulnervavel.

Viscondessa da . . .



UM DOMINGO.

É o dia consagrado ao descanso e ás diversões. É o dia em que cada um se procura e acha a si mesmo, em que dispõe do seu ser; e voluntariamente se esquece do trabalho, de obrigações e negocios.

Visto-me saio sem determinação, sem objecto. Saio por sair, para usar da minha independencia, para ser livre: é Domingo.

Hoje não me curvarei diante do homem soberbo, desse homem, de quem a precisão me obriga a soffrer-lhe os despresos, que maltrata concedendo o que a importunidade lhe arranca, sem duvidar de que a humanidade é superior á tudo, que a bondade faz valer em dobro o beneficio, e que o dar, nada mais é; que a maneira por que se dá.

O meu vestido é novo; caminho com a cabeça elevada; olho para todos em geral; sou igual a todos: é Domingo.

Passo por uma igreja. A multidão para ali se dirige com ancia. De que se trata ali? Uma procissão talvez. . . Não, não é uma procissão. Um orador celebre apparece ao pulpito. Bem, eu me sento.

Tirai de um sermão as citações latinas, as divisões, as subdivisões, as subtilidades, as diffusões, e o que resta é optimo.

Saio, caminho, entro nas salas do Muséo. Não tenho conhecimento da pintura; mas todos observão, e eu observo tambem. Admiro sobretudo um Raphael, cujo merecimento por inteiro existe para mim na moldura. Ouço modestamente o que d'elle se diz. A admiração dos interlocutores passa insensivelmente a minha alma; proclamo Raphael por grande pintor. Se aquelle quadro tivesse servido de taboleta, eu o não teria observado; ninguém talvez teria adivinhado o seu merecimento; deve tudo á sua posição. O mesmo é com os homens. O que tem talentos desconhecidos vive na obscuridade: é que lhe falta uma moldura. Outro não brilha senão por que a tem!

Janta-se ao Domingo, como nos outros dias. A cabeça está mais livre e digire-se melhor. Entro em uma casa de pasto. Vinte a trinta pessoas comem isoladamente, sem se fallarem, e sem se ollarem. A alegria, o sorriso não penetrao naquelle salão; uns comem por comer; os outros parecem preocupados das venturas e dos reveses da vespera e das esperanças do dia seguinte. — Não ha para elles Domingo: comem bocados de ambição.

Ali não jantarei eu; não estou para ver carranças; quero divertir-me, é Domingo. Vou procurar um desses logares onde se encontrão alguns signaes primitivos do homem, o abandono, a franqueza e a boa harmonia.

Atravesso as Tuilherias. Senhoras, mais elegan.

tes umas que outras, estão por ordem assentadas em cadeiras: estão ali naturalmente para verem e serem vistas. Homens paixão e repassão, observando-as com uma affectação offensiva—chama-se a isto passear. Não é assim que em passeio em um Domingo.

Passo a ponte *Tournant*, sigo direito aos campos Elysios; entro nessas lolegas, onde o artista alegre se desafoga dos trabalhos da semana, onde o modesto aldeão chega com o melão debaixo de um braço e o chapéo de sol de sua companheira debaixo do outro. Elles esquecem as privações do Sabhado e as que hão de impor-se no dia seguinte! A consorte poupava todos os dias alguma coisa, e neste dia vem comer alegremente as suas pequenas economias.

Sua filha Angelica, a quem este nome quadra mui bem, está enfeitada com o seu vestido de paninho... se alguma coisa pôde enfeitá-la. O estofo não é fino, mas é tão-branco! Um avental de tafetá preto faz realçar o brilho de sua côr; uma meia de seda branca, um sapato de duraque comprime o mais delicado pé, a mais bem torneada perna; uma pequena touca, de muito máo gosto, cobre seus touros cabellos; que importa a touca? Angelica é tão linda! Para quem a observa o seu traje é nada.

Eu a contemplo, eu continuo a observá-la; nada mais posso ver senão ella; minha attenção lhe faz abaixar os olhos e corar. Desvio-me; não quero embarçar, molestar Angelica. Que ella goze sem constrangimento do ar puro, do seu caramachão de madre-silva—do seu Domingo.

Encontro depois um joven e uma rapariga, jantando em frente um do outro; elles nada vêem, nada ouvem do que se faz em torno delles. Bebem pelo mesmo copo; o vinho é excellentes desde que um e outro o provarão. A aza e o peito de frango passão de um prato a outro; disputão entre si o que cada um tem tocado. De espaço a espaço calão-se e olhão-se; o sorriso está pendente dos seus labios, o requebro em seus olhos. A menina estende a mão; o joven lh'a segura e lh'a beija... mas... um anel nupcial!... elles são esposos. Ah! a conveniência e o interesse não fizeram aquelle casamento. Possão elles amar-se longo tempo! Possa cada um dia do anno ser para elles — Domingo.

Mais além reina a grosseira alegria e a intemperança. Passemos ávante.

Nesta mesa está um joven só, que parece triste e pensativo. Seus olhos se dirigem amindadas vezes sobre os dois esposos, e immediatamente os desvia delles; o aspecto da ventura parece affligil-o. Sua idade é a da primavera da vida, e é infeliz! Que dias, que annos tem ainda de sofrer!

Quando ella deixa de observar os jovens esposos, suas vistas buscão penetrar a folhagem, que lhe esconde una parte dos encantos de Angelica. Ah, eu o advinho; está apaixonado; inveja a sorte dos dois esposos; desespera da sua. Pobre rapaz!

Peco-lhe que me ceda um canto da sua pequena mesa, e elle apenas reserva para si logo que possa situar o seu pequeno prato, no qual nem mesmo toca.

Peco de jantar, e me disponho a fazer com que elle falle; mas nada mais me responde que — *sim ou não*.

Oh! elle fallará.

Passo em revista tudo que nos cerca; é bom rodeio que tomo para chegar a Angelica. Louvo sua belleza, sua modestia, suas graças. A figura do meu joven se desenvolve; seus olhos se animão; sua alma expansiva se abre; elle falla, e falla bem, porque ama: só me toca d'ali em diante escutal-o.

E' um caixeiro, nada mais possui no mundo que os salarios e o seu coração; já não é pouco. O pai de Angelica não tem mais que mil e quinhentos francos de renda; nada pôde dár á sua filha, por isso a negou a Firmino; e Firmino e Angelica soffrem e se affligem. Não ha para elles Domingo.

Os amantes não têm dias de guarda. Firmino passa pela porta de Angelica, antes de abrir o seu armazem; trata a passar depois que o fecha, suspira, olha para traz, e se chegou a vel-a, leva consigo pena e ventura para o resto do dia.

Esta manhã viu elle fazer as disposições do pequeno jantar campestre. Não os perdeu de vista, mas seguiu-os de longe, de muito longe, e collocou-se na extremidade do jardim, para não desagradar a Madame Soreau.

E' um rapaz este Firmino. Quanto lhe seria necessario para entrar em um pequeno commercio?... Dois mil francos, diz elle! Diabo, não tenho mais que a metade desta somma e preciso della... Preciso! quem tem mais precisão, o que está apaixonado, ou o que o não está?... Mas eu não conheço Firmino... Ora, se elle fosse meu irmão, ou meu amigo, que merecimento haveria nesta acção obrigativa? De mais eu não obsequiarei só a elle: e a sua Angelica é tão seductora!

Faço-o levantar, e o conduzo direito ao caramachão de madre-silva. Elle hesita, treme e recua; eu o empurro adiante de mim; está junto de Angelica. Os pobres jovens não se atrevem a olhar-se, e o velho Soreau arregala os olhos...

Ainda os abre maiores, quando sabe que Firmino achou um amigo, que lhe empresta seis mil francos, e grangeará credito para outros seis mil. Já não ha senão elogios da parte delle para com a boa conducta e applicação de Firmino, para com seu amor constante e desinteressado. Sorrindo-se lhe apresenta a mão e o abraça. Madame Soreau o abraça igualmente. Angelica esperava tambem ser abraçada; Firmino arde nesse desejo, e fica immovel diante della.

Eu o empurro de novo, brandamente. Madame Soreau empurra sua filha. Elles tomão animo, olhão-se, e eil-os nos braços um do outro. Que lindo quadro! este é sem moldura; mas é arrebatador.

Se os noivos conservassem pelo menos a metade deste amor, desta ternura condescendente e reciproca em toda a sua vida... Serião os casados, bem felizes, e as mulheres sempre boas.

Reunimos os nossos jantares. Firmino vai rebocar o apetite com a alegria. Angelica e elle me festejão, me acaricião, e me fazem assentar

entre elles. Firmino não me agradece, mas olha-me! Não ha lingua que possa exprimir o que diz aquelle olhar. A mão de Angelica vem errante sobre a minha, como para exprimir os seus sentimentos de gratidão. Eu a seguro e a aperto. Eis-aqui o interesse do meu dinheiro.

Falla-se, come-se, ri-se, bebe-se, desarrazoa-se; é Domingo. Oh! bom, bem bom Domingo para todos que estão debaixo do caramachão.

Amanhã deve assignar-se o contracto: será ainda Domingo.

Eu irei a miudo ver a Angelica e Firmino: junto daquelles que fazemos venturosos, sempre é—Domingo.

Candida o traduziu.



VIRGEM PALLIDA.

No album de um poeta.

Tu és qual pallida estrella,
Que fulge dormente e bella
Da lua ao doce clarão;
E no seu brilhar noturno
Vencendo o brilho diurno
Que espalha o sol n'amplidão.

És pura, linda e singella,
Qual uma dormente estrella,
Que brilha pallida e bella,
Sobre a cruz d'um mausoléo;
Vi-te na fronte a bondade,
Qual a meiga claridade,
Que espalha na immensidade
A lua a vagar no Céu.

É tua voz vaporosa
Como a vaga melindrosa,
Que sobre a praia arenosa
Desata um canto a gemer;
Teu suspiro é o som da lyra,
Que em muda noite suspira
Trinando um canto a morrer.

És anjo do Céu baixado
Por Deus á terra mandado
A cumprir grande missão;
És a nota melindrosa
D'uma lyra harmoniosa
Que gemeu na solidão.

E vives tu ignorada,
Qual florinha delicada
Pelas brizas embalada
Sósinha á beira do mar;
E's qual fontinha dormente,
Cuja lymphá, transparente,
Tem um murmúrio cadente
Que ao coração sóe fallar.

Na solidão do Vaclusa
De Petrarcha fôste a musa,
Distante da terra lusa
Tu inspira te Camões;
A elles, poetas divinos,
Dêstes cantos peregrinos
Arrancaste-lhes seus hymnos
Do fundo dos corações.

Tu és a virgem que Rubens
Em candida véste de nuvens
Na fina tella, estampou;
Tuas azas d'ouro-pel
Cobrirão a Raphael
Quando o pinxel meneou.

Com tigo, ó pallida virgem,
Foi creçada, teve origem
Aquella louca vertigem
Em que Chalterton morreu;
A esses cantos sentidos,
Pelos écos repetidos,
Soltou Gilbert gemidos,
Gemendô á tumba desceu.

Longo tem sido o teu fado,
Sobre sec'los tens voado
Nesse viver exilado
Sempre a gemer, a inspirar:
Visão da melancolia,
Casto anjo da poesia.
Vem nas azas da harmonia
Em minha fronte pousar!

Envolve-me no teu manto,
Mergulha meu triste canto
Na sublime inspiração;
Sê a minha esp'rança q'rida,
E nunca te eu veja perdida
O doce e meiga visão!...

Salomon.

UM CONJUGADOR HOLLANDEZ.

Dois portuguezes entrando em um botequim em Paris, observáram um sujeito de estatura alta e de figura esquisita, que não parecia ser natural de França, encostado á uma das mesas, e olhando ao redor da sala com petreficante seriedade. Apenas os portuguezes se havião assentado, quando um delles disse ao outro, que um celebre anão acabava de chegar a Paris. N'isto o tal homem sério abriu a boca, e disse: *Eu chego, tu chegas, elle chega, nós chegamos, vós chegais, elles chegam.*—O portuguez, cuja observação parecia haver suggerido esta falla mysteriosa, avisinhando-se do estrangeiro, perguntou-lhe se fallava com elle.—*Eu fallo (respondeu o outro) tu fallas, elle falla, nós fallamos, vós fallais, elles fallão.*—Como! disse o portuguez quereis insultar-me? O outro placidamente respondeu. — *Eu insulto, tu insultas; elle insulta, nós insultamos, vós insultais, elles insultão.* Ora com effeito; isto é demais, disse o portuguez; deveis dar-me uma satisfação desta affronta, e se fordes tão valeroso como sôis malcriado, vinde comigo. A este desafio o imperturbavel estrangeiro respondeu. — *Eu vou, tu vais, elle vai, nós vamos, vós ides, elles vão.* E levantou-se com todo o sangue frio, seguindo o seu desafiador.

Naquelle tempo em que todas as pessoas de gravata lavada trazião espadims á ciuta, os duellos decidião-se em poucos minutos. Forão á uma travessa pouco frequentada, e o portuguez desembainhando o espadim disse ao seu antagonista.—Agora Sr. deveis bater-vos comigo... *Eu me bato,* (replicou o outro) *tu te bates, elle se bate, nós nos batemos,* aqui elle avançou-se (sobre o adversario) *vós vos bateis, elles se batem.* E apenas acabou de proferir estas palavras desatou o portuguez. Bem, dis e este; haveis vencido, e espero que estejais satisfeito.—*Eu estou satisfeito,* (respondeu o estardio) *tu estás satisfeito, elle está satisfeito, nós estamos satisfeitos, vós estais satisfeito, elles estão satisfeitos.* Estimo bem que estejais satisfeito, disse o portuguez; porém Sr. é tempo de acabar com essa mangação, e rogo-vos que expliqueis o motivo de semelhante proceder tão original! Pela primeira vez o solemne estrangeiro fez-se intelligivel dizendo.— Eu sou hollandez; estou aprendendo a vossa lingua; acho muita difficuldade em lembrar-me das pessoas dos verbos, e meu mestre me ha aconselhado, a fim de fixal-as em minha memoria, de ir conjugando todos os verbos portuguezes que ouça pronunciar. Hei adoptado esta regra, e não gosto que me transtornem o meu plano em quanto está em operação; é por isto que não vos dei mais cedo a explicação, que agora me pedistes.

Os portuguezes rirão-se a faltar, da extravagância do hollandez, e convidarão-no a jantar com elles—*Eu jantarei,* (disse elle) *tu jantará, elle jantará, nós jantaremos, vós jantareis, elles*

jantarão, o que por consequencia fizerão. Mas foi difficil determinar, se o hollandez conjugára com mais perseverança do que coméra!

Traduzido.



CHRONICA DA QUINZENA.

Cumpro a minha palavra, queridas leitoras, disse-vos um adeus até este mez, e eis-me de ponto em branco dando-vos conta da chronica dos ultimos quinze dias que se deslizarão rapidos e animados como a branda corrente, que se despenha de seixo em seixo, e vai por fim serpejar por entre as tortuosas e alcatifadas tuas de uma alameda; quinze dias emfim que corrêrão apressados como a innocente menina, que ao sahir do collegio vóa ao jardim, e apanhando uma flôr aqui, outra acolá, as vai depositar nos aneis das madeixas maternas.

Principiaremos pela ultima representação do magico M. de Barr. Como era de esperar obsequiou o numerozo concurso, que por despedida o foi applaudir, com dezeseis das melhores sortes do seu gabinete, preenchendo o intervalo da primeira á segunda parte com o gracioso dialogo ventriloquio.

No primeiro do corrente mez solemnisou-se em pequena gala o anniversario da Serenissima Princeza D. Maria Amelia; nesse mesmo dia teve logar a festa dos cavalleiros da Ordem do Cruzeiro na Imperial Capella, á qual assistiu S. M. o Imperador como grão-mestre da Ordem. Esta festividade, que por todos os titulos devia ser da maior concurrencia, passa quasi que desapercibida, e sinto dizel-o; são os proprios cavalleiros os que mais se esquecem della. Não sei; mas se eu governasse impunha uma multa aos membros da Ordem que fizessem a este acto tão solemne.

Ao despontar a aurora do dia 2, as fortalezas do litoral e as embarcações de guerra surtas no porto, embandeiradas, annunciarão aos Brasileiros, que o Sr. D. Pedro II completava os seus 27 annos; houve beija-mão á 1 hora, e parada á tarde, a qual, na forma do costume, esteve luzida. A' noite houve espectáculo em ambos os theatros; no de S. Pedro deu-se o *Alcaide do Faro* com a *Festa dos Deuses*: no Provisorio, honrado com a augusta presença de SS. MM. II., depois da execução de um hymno novo composto expressamente para tão festivo dia pelo *maestro* Mercadanti sobre palavras do nosso insigne vate Dr. D. J. G. de Alagalhães, e da symphonia nova do Sr. Stockmeyer Junior, que foi devidamente applaudida, executou-se a operabuffa classica de Rossini—*Il Barbior di Siviglia*.— A molestia da nossa predilecta Rozina Stoltz foi causa sem duvida do completo *fiasco* deste bello *spartito*.

Desconhecemos a insigne artista no debut do *Barbeiro*; realmente que esteve muito áquem do que se esperava: a Sra. Stoltz na nossa humilde opinião de *dilettauti* só cantou bem o duetto do 1.º acto *Dunque io son....* no mais.... ensaiou, não cantou.

O baile do Sr. York, não esteve máo; continue elle a entreter o publico por essa fórma; mas que não se lembre mais de outro *Appollo Pastor*.

BENEFICIOS.—No dia 30 de novembro houve o do Sr. Malavasi no salão da Phil'Euterpe. Este Sr. arrebatou com a melodia de sua divina flauta.

No dia 3, foi o do Sr. Tronconi no novo salão do Provisorio; foi brilhante o concurso, e o beneficiado mostrou mais uma vez aos seus convidados o que é o instrumento dos *Bárdos* em tão delicadas mãos.

Seria para desejar, que beneficios desta ordem fossem sempre dados em salões particulares, onde depois dos concertos nos concedessem um logarzinho, ainda que mais não fosse senão para dançar sómente uma contradança, uma *schottisch* e uma valsa. Depois de tres horas de estar sentada, sabe tanto estender as pernas, comprimentar as conhecidas, e dar dois dedos de palestra com as amigas!... Nós.... não digo bem: eu, que não posso estar dois minutos sem dar á taramella!

Tambem no theatro de S. Januario houve um concerto, que foi pouco concorrido; a escolha do local foi pessima.

BAILES.—A Recreação Campestre deu o seu no dia 7: estava como sempre, bello e animado; não deixámos de sympathisar com a travessa que trouxe perdidos a mais de quatro: as louçainhas que a ataviavão, e seus ademanes, junto a uns olhos!... uns olhos vivos e penetrantes... silencio, minha senhora; nem mais palavra sobre o Campestre, que vamos tratar de objectos sérios.

No dia 30 do passado pela volta das 4 horas da tarde benzeu-se o Hospicio de Pedro II: a este acto tão solemne assistirão SS. MM. II. com a sua comitiva, os principaes membros da irmandade, e muitas pessoas de distincção. SS. MM. acompanharão a procissão, e na Capella do edificio monsenhor Narciso celebrou os cerimoniaes do costume.

Domingo seguinte, 3 do corrente, teve logar a inauguração da estatua de S. M. o Imperador no mesmo Hospicio; descrever circunstanciadamente esta festa semi-religiosa nos levaria mais longe do nosso proposito; a concurrencia foi extraordinaria; um parque de artilharia fazia a guarda de honra, e salvou á chegada de SS. MM. II.

Começou a cerimonia por uma missa cantada celebrada na bella capella do edificio; foi orador o Rev. padre Antonio do Coração de Maria; depois da missa passáron SS. MM. com to-

dos os circunstantes para a grande sala do estabelecimento, magnificamente decorada, e ahí se procedeu solememente á inauguração da estatua, depois dos eloquentes discursos do Exm. provedor, do conselheiro Jobim e do Dr. Paula Candido. Fimda a cerimonia SS. MM. II. dignarão-se de accitar o esplendido jantar que lhes foi offerecido. A festa foi brilhante, magestosa e digna do objecto que lhe deu origem.

Louvores sejam dados ao homem incansavel que, desprezando o zumbido de seus detractores, prosegue na fervorosa missão, que se impoz, de não ser surdo aos gemidos dos desvalidos. Concedamos por um momento, que esse cidadão benemerito, que tantos e repetidos serviços tem prestado ao paiz, tenha defeitos como homem e como politico; sim, concedamos; mas esses defeitos se confundem e se perdem no numero dos serviços, que o Brasil e este bello Rio de Janeiro lhe devem.

O Céu abençoe seus dias e lhe preserve a vida para complemento de seus gigantescos planos.

O Sr. José Clemente Pereira esculpiu seu nome com pedra e cal nos annaes do Rio de Janeiro. Este nome, que por tantos factos pertence á historia, será abençoado pelos pobres e pelas gerações vindouras; a posteridade lhe fará justiça e será grata ao homem bemfazejo e philanthropico.

ORTO DE DEZEMBRO.—Não ha por ahí moça, ou velha, solteira, casada ou viuva, que neste dia de encantos não accenda sua velazinha ante a imagem da sempre Virgem Maria. No templo, fóra d'elle, na cidade ou no campo, encontra-se sempre o mesmo *horborinho*; as bandeiras, os coqueiros, as illuminações, as flores, os sinos, os damascos, os foguetes, as musicas, as danças.... tudo demonstra entre os christãos o respeito, o amor e a veneração que tributamos á *Immaculada Conceição*, e a confiança que depositamos na mãe do Redemptor. Ella é a alegria de nossa alma, a bussola de nossas esperanças, o allivio de nossas dôres e soffrimentos, e a consoladora de nossos males. Houverão neste dia muitos jantares, e á noite muitas reuniões, umas maiores, outras menores, segundo as possibilidades de cada qual; umas a que bem cabe o titulo de sarãos, e onde muitas beidades primário; outras menos luzidas, onde o modestia contrastava com o desenvolvimento do mundo civilisado; outras enfim, onde o sapateado de um *fado bem rasgado* levava o prazer e o enthusiasmo ao intimo de almas alegres e folgazonas.

Meu Deus! fiz uma chronica tão extensa que não sei como me heide haver com a minha digna Redactora em Chefé! de mais a mais metti-me a fallar em tanta cousa.... Querida leitora, intercedei por mim, sim? dizei-lhe ao menos para minha salva-guarda, que este tóso trabalho vos não enfatiou.

9 de dezembro.

Vossa toda

Bellona.